

Alarme falso de bomba faz Senado suspender a sessão

BRASÍLIA (O GLOBO) — A sessão do Senado foi suspensa ontem, durante 45 minutos, após o recebimento de cinco telefonemas — dados em nome do "Comando Delta" — informando que tinha sido colocada uma bomba no plenário. Depois de uma busca, foi encontrado um artefato de plástico, com um clipe colado com fita durex, simulando um pino de granada, preso embaixo de uma das cadeiras da tribuna de honra, sendo então reaberta a sessão.

O presidente da Casa, Jarbas Passarinho, cujo gabinete recebeu três dos telefonemas anônimos — os outros dois foram para o comitê de imprensa e para o senador Dirceu Cardoso — disse que "o Senado não pode se sentir envergonhado nem atingido em sua dignidade por um ato dessa natureza". A sessão foi suspensa às 16h43m, quando a Mesa foi informada sobre os telefonemas dando conta da existência da suposta bomba, e reaberta às 17h29m.

A sessão estava sob a presidência de Itamar Franco quando Passarinho chegou ao plenário, onde o senador Dirceu Cardoso já pedia, aos gritos, que a tribuna de honra fosse evacuada. Passarinho retomou a presidência e suspendeu a sessão.

Após determinar o isolamento do local, Passarinho mandou chamar uma equipe de peritos da Polícia Federal. Veio apenas um perito, que demorou algum tempo para achar a falsa bomba, pois a tribuna de honra estava às escuras. Quando conseguiu encontrá-la, com a ajuda do chefe da segurança do Senado, não vacilou: tomou-a nas mãos como para sentir seu peso, constatando que era muito leve e que, portanto, não deveria conter carga de explosivos.

O perito retirou-se. Quando o plenário foi reaberto, dezenas de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas o invadiram. A esta altura, já descontraído, Passarinho relatava o que se passara. O objeto encontrado, segundo ele, tinha uma aparência de granada de mão, mas provavelmente não passava de um brinquedo.

AMEAÇA

Após os esclarecimentos prestados por Passarinho, o líder do PMDB, Marcos Freire, afirmou que a colocação de um objeto dentro do plenário "não pode ser um fato subestimado, por estar inserido dentro de uma trama através da qual se procura desprestigar as próprias instituições democráticas do País".

O líder do PP, senador Evelásio Vieira, também falou sobre o episódio, que para ele não foi uma brincadeira de mau gosto, porque o ato de terrorismo não é apenas a explosão da bomba, mas a própria ameaça.

— Essas ações têm como objetivo dificultar, impedir, a marcha em busca da normalidade democrática do País.

NÃO ABRE INQUÉRITO

O coordenador da Central de Polícia do DPF, delegado Hélio Romão, mostrou, no final da tarde, ao ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, e aos repórteres, o artefato que ele havia encontrado na tribuna do Senado Federal.

Ele disse que se trata de uma brincadeira de mau gosto e informou que o DPF não abrirá inquérito para apurar o caso.

A notícia de que havia bombas no plenário do Senado intranquilizou os assessores do Ministério da Justiça, que não escondiam seu nervosismo. Com a informação transmitida pelo delegado Hélio Romão, o clima se desanuiu, tendo o próprio Abi-Ackel feito um gracejo:

— Uma bomba de grande poder explosivo num poder explosivo.

Abi-Ackel recebeu, logo depois, em seu gabinete, o delegado Hélio Romão. Depois, na Sala de Imprensa, Romão explicou que recebeu um telefonema dos dirigentes do Senado, informando que tinham recebido a denúncia de que havia uma bomba no plenário. Romão acionou a perícia e se dirigiu ao Senado. Lá, encontrou debaixo de uma cadeira o brinquedo, mostrando-o aos senadores.

SUSPEITO

Um mulato alto e magro, de terno, é o único suspeito até agora. Ele esteve sentado durante dez minutos na cadeira onde foi encontrada a bomba, e chegou a trocar algumas palavras com o assessor parlamentar da Presidência da Comissão de Financiamento da Produção, Jorge Santos.

Foi o funcionário da CFP quem informou a segurança do Senado sobre a presença, pouco antes, na tribuna de honra, dessa pessoa estranha. A tribuna de honra é utilizada, habitualmente, por pessoas conhecidas dos agentes de segurança, como funcionários do Senado e assessores parlamentares. Jorge Santos achou suspeito o comportamento do estranho:

— Ele chegou, sentou-se ao meu lado, justamente na cadeira onde foi achada a bomba, e perguntou:

— Quem é esse senador que está falando?

Respondi-lhe que era o senador Alberto Silva. Ele fez outra pergunta:

— Como é que a gente pode entrevistá-lo?

Disse-lhe que procurasse um assessor do senador. Em seguida, ele perguntou como poderia chegar às galerias e eu lhe expliquei. Então ele se retirou.

— Ele era um sujeito muito estranho — prossegue — com uma aparência de retardado mental. Usava um terno cinza chumbo, bem escuro, com um paletó do tipo jaquetão. Era alto, magro, esguio, com o cabelo bem encaracolada, e usava um crachá de visitante.

Os agentes de segurança do Senado tomaram o depoimento do funcionário da CFP e o levaram a todas as portarias do Congresso, onde o suspeito poderia ter deixado algum documento de identidade. Nada foi encontrado e no final da tarde, o presidente do Senado, Jarbas Passarinho, mostrava-se pessimista quanto ao êxito das investigações.

SEGURANÇA

A segurança do Senado dispõe de 151 homens, dos quais quatro são destacados diariamente para as duas tribunas no térreo do plenário. A tribuna à direita da Mesa tem 24 cadeiras em duas fileiras e é usualmente utilizada pela imprensa. A tribuna à esquerda tem 40 cadeiras, em quatro fileiras, e qualquer pessoa pode usá-las. A única condição para frequentá-las é que as mulheres estejam de saia e os homens de paletó e gravata. Mulheres de calça comprida e homens de camisa esporte devem assistir aos debates nas galerias que ficam acima do plenário.

No fim do ano passado, o presidente Luís Viana baixou instruções disciplinando o uso dessas tribunas, mas 30 dias depois elas já haviam sido relaxadas.

— Nós somos os primeiros a relaxar — explicou um senador.

O Senado dispõe também de câmaras de televisão e uma delas está diretamente apontada para o local em que foi colocada a "bomba". Mas, há dois o equipamento não funciona: ainda não foi aprovada uma verba de Cr\$ 3 milhões para comprar as peças que faltam e fazer uma revisão geral.